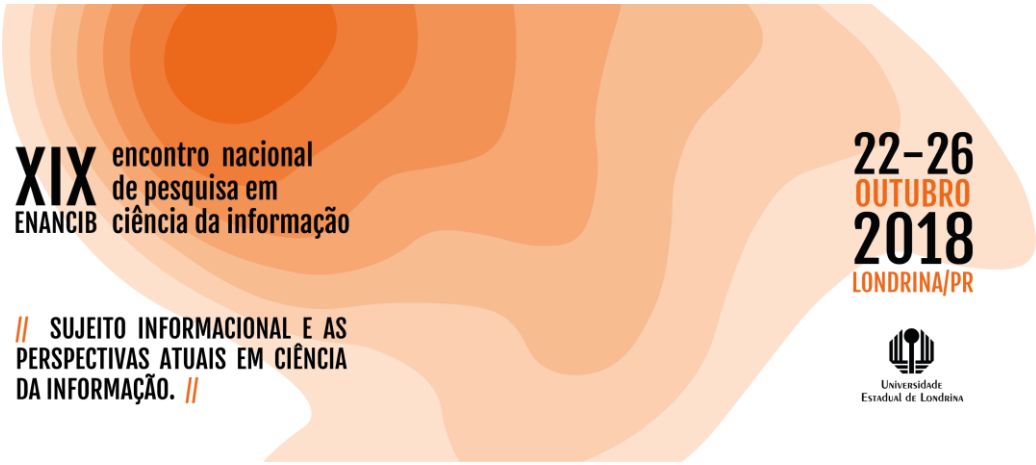

XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT - 9 – Museu, Patrimônio e Informação

CI E MUSEOLOGIA: ANÁLISE DAS COMUNICAÇÕES ORAIS DO ENANCIB SOBRE RI

Leonardo Hermes Lemos (Universidade Federal de Santa Catarina)

Cezar Karpinski (Universidade Federal de Santa Catarina)

CI AND MUSEOLOGY: ANALYSIS OF ENANCIB'S ORAL COMMUNICATIONS ON IR

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Trata-se de pesquisa sobre a produção de trabalhos do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), relacionando Ciência da Informação e Museologia nos aspectos da Representação da Informação (RI). O tema foi abordado por Hermes Lemos (2018) na dissertação de mestrado intitulada ´A Representação da Informação em Ecomuseus´, onde de forma geral, considerou-se que a Representação da Informação nos estudos específicos sobre museus se refere à documentação e à exposição. O objetivo é construir um panorama nacional sobre as pesquisas acerca da Representação da Informação em museus por meio da análise dos títulos, resumos e palavras-chave dos trabalhos na modalidade 'Comunicação Oral' do Grupo de Trabalho 9 – Museu, Patrimônio e Informação. A pesquisa é parte inicial do doutorado em andamento que tem como tema a Organização da Informação na Museologia. Ela classifica-se como básica, descritiva e qualitativa e a metodologia empregada foi a análise de conteúdo. O resultado mostrou que 35 comunicações orais contribuem para que a documentação museológica ou a exposição sejam consideradas formas de Representação da Informação em museus ou na Museologia. Ao finalizar esta pesquisa notou-se que se faz necessário aprofundar o referencial teórico sobre o conceito de Representação da Informação na Museologia, reforçando-o como uma interface interdisciplinar das duas áreas.

Palavras-Chave: Ciência da Informação; Museologia; Representação da Informação; ENANCIB; Interdisciplinaridade.

Abstract: It is a research on the production of works of the National Meeting of Research in Information Science (ENANCIB), relating Information Science and Museology in the aspects of Information Representation (IR). The theme was addressed by Hermes Lemos (2018) in the master's dissertation entitled 'The Information Representation in Ecomuseums', where in general it was considered that the Representation of Information in the specific studies on museums refers to documentation and exhibition. The objective is to construct a national panorama on the research about Information

Representation in museums through the analysis of titles, abstracts and keywords of the works in the 'Oral Communication' modality of the Work Group 9 - Museum, Heritage, and Information. The research is part of the initial PhD in progress that has as its theme the Organization of Information in Museology. It is classified as basic, descriptive and qualitative and the methodology used was content analysis. The result showed that 35 oral communications contribute to museological documentation or exposure being considered as forms of Information Representation in museums or Museology. At the end of this research, it was noticed that it is necessary to deepen the theoretical reference on the concept of Information Representation in Museology, reinforcing it as an interdisciplinary interface of the two areas.

Keywords: Information Science; Museology; Information Representation; ENANCIB.

1 INTRODUÇÃO

Uma das motivações desta pesquisa se deu em função da Dissertação de Mestrado intitulada ´Representação da Informação em Ecomuseus´, defendida em fevereiro de 2018. (HERMES LEMOS, 2018). Ao realizar a pesquisa bibliográfica, notou-se a dificuldade em encontrar referencial teórico suficiente acerca das relações entre a Representação de Informação (RI) e Museologia.

A possibilidade de desenvolver pesquisas e trabalhos nesta temática vem ao encontro com os trabalhos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), especificamente no GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação. Tal GT, criado em 2008, se constituiu como um eixo específico para relacionar as áreas da Ciência da Informação (CI) com a Museologia. Até aquele momento, os trabalhos que relacionavam a CI com a Museologia ficavam dispersos em outros grupos.

Em função disto, para esta pesquisa, buscou-se explorar os trabalhos apresentados na modalidade de “Comunicação Oral” do ENANCIB que relacionem a CI com a Museologia, nos aspectos da Representação da Informação (RI), dentro do GT-9. O objetivo é construir um panorama nacional sobre as pesquisas acerca da RI em Museologia no âmbito da pós-graduação brasileira. Para isto, foi utilizado como metodologia a análise de conteúdo (Bardin, 2011), analisando os títulos, resumos e palavras-chave dos trabalhos entre 2009 e 2017, do GT-9.

Além disto, cabe ressaltar que este é uma amostra inicial de uma pesquisa sobre RI e Museologia que está em desenvolvimento em nível de doutorado, tendo também a participação do Grupo de Pesquisa – Organização da Informação e Gestão Documental (KOD), da Universidade Federal de Santa Catarina, propondo-se a mostrar um levantamento das pesquisas em âmbito nacional relacionadas à temática.

2 RELAÇÕES ENTRE CI, MUSEOLOGIA E RI

Sendo característica fundamental da CI, a interdisciplinaridade, conforme aponta Araújo (2014a), possibilita a relação como outras áreas do conhecimento, entre elas a Museologia. O mesmo autor aborda isto ao relacionar a Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, mostrando aspectos semelhantes das áreas, bem como suas particularidades e as relações interdisciplinares destas com a CI.

De acordo com Burke (2003), pode-se dizer que a história da fundação das primeiras bibliotecas, arquivos e museus e suas formas primárias de RI só realizaram a partir das relações interdisciplinares. Nesse sentido, a interdisciplinaridade não é uma característica exclusiva da CI, uma vez que pode ser percebida no próprio contexto histórico de criação dos museus, arquivos e bibliotecas. Ainda de acordo com o mesmo autor, os primeiros museus, assim como as bibliotecas, organizavam seus acervos conforme temas, muitas vezes ligados aos currículos das universidades europeias.

2.1 Da documentação de Otlet à Documentação Museológica

As tentativas e formas de organização da informação, até o século XIX, auxiliaram Paul Otlet e La Fontaine a criarem, no início do século XX, a disciplina denominada Documentação. Siqueira (2010) afirma que estes estudiosos queriam encontrar uma forma de sistematizar e disseminar a informação a partir de padrões universais independe do suporte.

Nesse sentido, Otlet (1934) considerava que todos os tipos de objetos poderiam servir de suporte para informação, sendo, portanto, documentos. Para atender à sua perspectiva, Otlet (1934) dividiu os objetos em cinco categorias: 1) objetos naturais (plantas, minerais e animais); 2) objetos artificiais (criados pelo homem para suprir alguma necessidade); 3) objetos com traços humanos (aqueles que têm alguma interpretação ou significado); 4) objetos demonstrativos (os que são feitos para representar algo); e 5) objetos de arte.

Com esta classificação, a disciplina “Documentação” de Otlet e La Fontaine auxiliou o processo de organização dos acervos museais. Com isso, pode-se afirmar que hoje os museus não apenas custodiam objetos museais, mas são locais que trabalham com informação. (ARAÚJO, 2014b).

Na década de 1950, Briet (1951) impulsionada pela disciplina de Otlet e La Fontaine, aprofundou os estudos sobre a documentação enfatizando outros suportes além do papel,

como: fotografias, microfilmagem, etc. Para a pesquisadora um documento para existir necessita de materialidade.

Da mesma forma, Buckland (1991) atualizou os estudos da documentação, assegurando que o processo documental começa pela materialidade, como Briet (1951) já afirmava. Segundo o estudioso, para que algo se torne um documento é necessário um processo, ou seja, nada nasce como documento, mas se torna um.

Com essa discussão acerca da documentação, a Museologia também buscou formas de caracterizar os objetos como documentos, a fim de poder organizá-los.

Neste caso verifica-se que a documentação no campo museológico é uma forma de RI, conforme mostra Araújo (2014a), afinal a RI na Museologia se mostra na própria construção da área, principalmente nas primeiras tentativas de organizar os acervos museológicos, por meio de catálogos, classificações, inventários, etc.

Estas formas de organizar os acervos dos museus são as bases do processo de documentação museológica. Na acepção de Araújo (2014a), a RI, quando vinculada à Museologia, está diretamente ligada à documentação museológica, consistindo numa técnica de coleta, trabalho e preservação da informação dos objetos museais, ou também como uma disciplina da área museológica.

Ao se trabalhar a documentação museológica aspectos relevantes, como os que Mensch (1992), devem ser levados em consideração nas características informacionais dos objetos museais. Para Mensch (1992), os objetos museais possuem duas cargas informacionais sendo a carga intrínseca e a extrínseca.

A carga intrínseca é aquela da qual o objeto não se desvincula, como cor, tamanho, composição, peso, técnica, entre outras características físicas. A carga extrínseca é a trajetória de vida do objeto desde sua criação até se tornar objeto de museu. Nesse aspecto, entram as exposições que participou, as pesquisas feitas, a doação, processos de conservação e restauro, etc.

Assim, com todo este desenvolvimento teórico sobre a relação dentre CI e Museologia, mais especificamente RI e museus, verificou-se que o conceito mais apropriado de representação da informação é o estabelecido por Brascher e Café (2008).

Antes de relacionar o conceito de RI, irá ser abordada a relação dos paradigmas da CI, estabelecidos por Capurro (2003), mostrando a sua relação com a Museologia, para ai adentrar na RI.

Ao definir o paradigma físico, Capurro (2003) estabelece a materialidade de informação. Ou seja, este paradigma é relacionado com os suportes da informação, mostrando que diferente do conhecimento a informação precisa de materialidade. A relação com a museologia se estabelece pelos processos museológicos, entendidos aqui como qualquer processo que ocorre dentro do museu e que busca materializar as informações dos objetos.

O segundo paradigma, o cognitivo, é vinculado à forma como cada indivíduo recebe e processa a informação (CAPURRO, 2003). No âmbito museológico isto ocorre por meio do acesso à informação, ou seja, pelas pesquisas desenvolvidas, exposições, ações educativas e outros processos ou meios que façam o usuário do museu adquirir informações.

Por fim, Capurro (2003) aborda o paradigma social da informação, onde a informação também pode ser considerada um fenômeno social. Na Museologia, este paradigma pode ser visto na relação entre profissionais e usuários, e nas relações interpessoais dentro e fora das instituições museológicas.

A discussão acerca dos paradigmas é necessária, pois, se percebe que em ambas existem características fundamentais para a RI. No paradigma físico a forma como a informação é representada num suporte. No cognitivo, como cada indivíduo utiliza da informação representada para construir seu conhecimento. O social se relaciona pela forma como os indivíduos trocam informações de uma mesma fonte, buscando estabelecer conexões.

Relacionando os conceitos de paradigmas da CI, desenvolvidos por Capurro (2003), destaca-se o conceito de RI estabelecida por Brascher e Café (2008), sendo a RI um processo que busca a descrição de elementos de informação de algum documento, e que este processo é um resultado da Organização da Informação (OI).

As autoras para conceituarem a RI, diferem os conceitos de informação e conhecimento, o que algumas vezes ainda é confundido na própria área da CI. Como características de informação enfatizam os pontos definidos por Fogl (1979), mostrando que o conhecimento é um processo cognitivo humano e a informação seria a materialização deste conhecimento.

Portanto, a definição de trabalhar apenas com a RI e não com Representação do Conhecimento (RC), nesta pesquisa, está vinculada ao fato de identificar e analisar as características da informação, na área da Museologia, indo ao encontro com as duas formas

de RI que serão discutidas à frente, sendo a documentação museológica, por ser o processo que trabalha ativamente e de forma efetiva com as características informacionais dos objetos; e a exposição por ser a extroversão deste processo.

2.2 A documentalidade como fator de musealização e de representação da informação

A documentação dos objetos museais constituem parte essencial para o processo de musealização que se configura como o ato em que o objeto deixa de ser algo trivial e tem seu valor simbólico e cultural elevado. Guarnieri (1990) atribui o caráter de musealização por meio de três princípios: 1) documentalidade; 2) testemunhalidade; e 3) fidelidade.

De acordo com Guarnieri (1990), a documentalidade deve ocorrer em função dos objetos serem considerados documentos e por isso, possuem carga informacional. A testemunhalidade está vinculada ao fato dos objetos representarem (testemunharem) um contexto de passado, presente ou futuro. A fidelidade se relaciona ao fato de que os objetos de museus devem se manter naquilo que representam. Portanto, o embasamento para a documentação museológica está vinculado ao processo de musealização dos objetos e com suas características intrínsecas e extrínsecas.

Para Ferrez (1994) a documentação museológica deve ser um conjunto ordenado do acervo museal. A representação destes ocorre de forma escrita e também por imagens, podendo haver um sistema de recuperação da informação, fazendo com que o caráter documental dos objetos seja constituído e que estes sirvam como fonte de informação.

Ceravolo (2012, p. 83) destaca quatro características atuais de documentação museológica, sendo:

> a) Os registros (documentação) importantes, porém são complexos de se executar.
> b) Registros são compreendidos como a célula principal da documentação em museus.
> c) Ainda é limitado o emprego de programas informatizados (*softwares*), e deles se espera a catalogação dos itens de um dado acervo.
> d) Para a documentação apresentar resultados, é preciso capacitação e dedicação contínua dos profissionais (CERAVOLO, 2012, p.83).

Em conformidade ainda com Ceravolo (2012), esses quatro tópicos são denotados em função da análise sobre o processo de documentação museológica brasileira; e como base, utiliza-se o Cadastro Nacional de Museus (CNM) e a publicação 'Museus em Números' do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Os pontos destacados por Ceravolo (2012) são

fundamentais para uma boa execução da documentação museológica, principalmente no ponto sobre competência em realizar o processo (ponto d).

Além da documentação museológica, pode-se caracterizar como RI em museus a exposição, conforme mostra à pesquisa de Hermes Lemos (2018). Isto porque, de acordo com o mesmo autor, a exposição é responsável pela extroversão da informação e, a partir desta, atinge-se o público. Tal fato deve-se a premissa que mesmo os museus tendo sua organização, um dos seus princípios também é a exposição de seu acervo.

A exposição é vinculada como a forma mais comum de comunicação entre instituição e público. Cunha (2005) enfatiza que a exposição é a sua melhor forma de extroversão, visto que por meio de um contexto, é feita toda a narrativa e o discurso da instituição museológica.

Além do aspecto comunicacional, Hermes Lemos (2018) entende que a exposição também é uma forma de RI, pois, por meio de seus textos, etiquetas, narrativa e contexto, ela traz presente a informação dos objetos. Portanto, o autor classifica a documentação museológica e a exposição como formas de RI em museus.

Sendo assim, vê-se que a RI ultrapassa as características da documentação museológica, estando também em outros processos dentro dos museus, mostrando que está ligada ao *modus operandi* das instituições museológicas, no que se refere à forma como o usuário[1] dos museus acessa e utiliza a informação.

Desta forma, buscou-se analisar os títulos, resumos e palavras-chave dos trabalhos na modalidade 'Comunicação Oral' do GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação, visando obter um panorama nacional sobre as características das pesquisas sobre RI em museus.

3 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA E ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa está classificada conforme Menezes (2009), sendo uma pesquisa básica, descritiva, de natureza qualitativa. A pesquisa básica é aquela que tende a gerar novos conhecimentos para a área. É descritiva pois tende a ter uma amostragem de determinado assunto. Quanto a natureza, o caráter é qualitativo pois não se pretende de princípio quantificar os dados, mas sim identificar, mapear e analisar as informações.

[1] Para esta pesquisa utilizaremos como sinônimo de 'público' a palavra 'usuário', como destaca Le Coadic (1996), não interferindo no entendimento do tema central.

A análise de conteúdo é definida como metodologia, pois auxilia na verificação dos conteúdos em mensagens escritas por meio de técnicas, sendo estas estabelecidas previamente, em função das mensagens que poderão ser encontradas (BARDIN, 2011).

Nestes aspectos, Bardin (2011) estabelece três etapas fundamentais para a análise de conteúdo, sendo: 1) Pré-análise (contempla a seleção do que fará parte do *corpus* da pesquisa, elaboração de hipótese, objetivos e indicadores); 2) Exploração do material (leitura dos documentos selecionados e criação de categorias); e 3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Neste sentido, a pré-análise ocorreu primeiro pelo acesso ao site do ENANCIB, onde se encontram os anais dos ENANCIB já realizados. Para a pré-análise foram selecionados os ENANCIB entre os anos de 2009 a 2017, período equivalente à existência do GT9.

Como segunda etapa (exploração do material), definida por Bardin (2011), primeiramente foram determinados os termos que relacionam o GT-9 com a RI, sendo: museu, patrimônio, informação, museologia, CI, RI, documentação e exposição. A escolha destes termos se deu por estarem relacionados com as formas de RI consideradas por Hermes Lemos (2018) – documentação museológica e exposição –, além de agregarem as duas áreas de conhecimento (CI e Museologia).

Posteriormente foram criadas três categorias para a classificação dos trabalhos sendo: 1) trabalhos diretamente ligados a RI; 2) trabalhos indiretamente ligados a RI; e 3) trabalhos sem vínculo com RI.

Definidos os termos e as categorias, a etapa seguinte foi analisar todos os trabalhos do GT-9 do ENANCIB, na modalidade de "Comunicação Oral" para selecionar quais possuíam tais termos em seus títulos, resumos ou palavras-chave, e classificá-los dentro das categorias, para a análise ser realizada.

Após a classificação em categorias, também os trabalhos foram colocados em três grupos, sendo: grupo A) RI e documentação museológica; grupo B) RI e exposições; e grupo C) RI e Organização da Informação.

A última etapa (tratamento dos resultados obtidos e interpretação), que Bardin (2011) coloca como parte da análise de conteúdo, será explorada no tópico 4 e 5 desta pesquisa.

4 CARACTERÍSTICAS DOS TRABALHOS E RESULTADOS

Dentro das análises feitas, constatou-se que entre 2009 a 2017, no GT-9, foram apresentados 147 trabalhos, na modalidade 'Comunicação Oral', conforme mostra o Quadro 1.

Quadro 1: Número de trabalhos apresentados no GT-9

Edição do ENANCIB	Trabalhos apresentados na modalidade 'Comunicação Oral' publicados nos anais.
X (2009)	15
XI (2010)	12
XII (2011)	17
XIII (2012)	20
XIV (2013)	19
XV (2014)	22
XVI (2015)	22
XVII (2016)	20
XVIII (2017)	18
Total	147

Fonte: dados obtidos na pesquisa (2018).

Desta totalidade, os trabalhos foram classificados dentro das categorias estabelecidas, sendo: 1) trabalhos diretamente ligados a RI; 2) trabalhos indiretamente ligados a RI; e 3) trabalhos sem vínculo com RI. O primeiro grupo foi estabelecido com trabalhos que possuem como foco, processos que se entendem como RI para a Museologia (documentação museológica e exposição), aplicados a esta pesquisa os títulos, resumos e palavras-chave. O segundo grupo foi estabelecido por possuir termos que poderiam trabalhar com este tema, mas que estão ligados indiretamente. Por fim, o último grupo foi definido em função de trabalhos que não tinham relação alguma com a RI. O Quadro 2 mostra a quantidade de trabalhos por classificação.

Quadro 2: Classificação dos trabalhos

Classificação	Número de trabalhos
Não se relacionam com RI	91
Relação indireta com RI	21
Relação direta com RI	35

Fonte: dados obtidos na pesquisa (2018).

Com relação aos termos, estes foram retirados das palavras-chave (27 termos), títulos (22 termos) e resumos (41 termos) encontrados nos trabalhos, obtendo o total de 18 termos após a exclusão das repetições. O Quadro 3 expõem os termos e quantas vezes foram

utilizados, classificando os trabalhos em três grupos, como exposto anteriormente no tópico 3.

Quadro 3: Termos que se relacionam com RI

Termos	Quantidade de vezes utilizadas			Grupo
	Título	Resumo	Palavras-Chave	
Comunicação expositiva	0	1	1	B
Documentação	1	2	6	A
Documentação e Informação em Museus	0	1	1	A
Documentação em Museu	0	1	1	A
Documentação em Museus	3	1	2	A
Documentação museológica	4	5	8	A
Expografia	0	2	2	B
Exposição	3	3	7	B
Exposição em museu	2	1	1	B
Exposição museológica	1	1	1	B
Exposições Museológicas	2	2	2	B
Gestão de acervos	0	1	1	A e C
Informação e Comunicação em Museus	3	0	1	B
Organização da Informação	1	1	1	C
Representação	0	2	2	C
Representação da informação	0	1	1	C
Sistema de Informação	1	1	2	A e C
Sistemas de Informação	1	1	1	A e C

Fonte: dados obtidos na pesquisa (2018).

Para definir os grupos apresentados considerou-se a documentação museológica e a exposição em museus como processos de RI. A classificação de algumas palavras-chave no grupo A e C são relevantes, pois os trabalhos tanto exploram características da documentação museológica, quanto da OI relacionadas com a RI.

Em relação às autorias dos trabalhos, verificou-se que 132 pesquisadores apresentaram trabalhos na modalidade oral. Destes, 44 autores têm seus trabalhos relacionados diretamente com a RI. O Quadro 4 mostra quais autores tem 2 ou mais trabalhos relacionado à RI e o número total de trabalhos nesta temática.

Quadro 4: Autores, quantidade de trabalhos e filiação institucional.

Autoria	Quantidade de trabalhos	Instituição
Benchimol, A.	2	Museu Paraense Emílio Goeldi
Brito, C. F.	2	Universidade Federal do Cariri - UFCA
Café, L. M. A.	2	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Cury, M. X.	2	Universidade de São Paulo - USP
Granato, M.	2	Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST
Grigoleto, M. C.	2	Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Lima, D. F. C.	3	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
Moraes, J. N. L.	3	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
Pinto, V. B.	2	Universidade Federal do Ceará - UFC
Rocha, L. M. G. M.	2	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
Scheiner, T. C. M.	3	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
Uzeda, H. C.	2	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Fonte: dados obtidos na pesquisa (2018).

Por fim, os trabalhos que se relacionam diretamente com a RI nas instituições museológicas ou na área da museologia, são mostrados no Quadro 5, estando organizados por ordem alfabética de título, com seus respectivos autores, totalizando 34 trabalhos apresentados entre 2009 a 2017.

Quadro 5: Trabalhos relacionados com RI e sua autoria

Título	Autoria
A implementação da base de dados do Museu do Índio	PIRES, A. COUTO, I. PIQUET, R
A documentação museológica e as coleções de ciência e tecnologia: identificando especificidades	SANTOS, C. P. GRANATO, M.
A musealização do patrimônio arqueológico em Sergipe: um estudo sobre endosso institucional e gestão de acervos coletados	MENDONÇA, E. C.
A pesquisa de avaliação da exposição "A Res publica Brasileira"	CARVALHO, R. M. R.
A representação do objeto museológico em exposição virtual pela perspectiva da reprodutibilidade técnica	CAFÉ, L. M. A. PADILHA, R. C.
Análise de exposições antropológicas – subsídio para uma crítica	CURY, M. X.
Arqueologia, informação e museu	MAIA, R. R. MAGALHÃES, M. P. MELO, D. J.
As novas tecnologias nas exposições museológicas: objetos reais e a concorrência digital	UZEDA, H. C.
Atribuição de valor econômico a bens culturais, contabilidade pública e documentação em museus: reflexões introdutórias	RIBEIRO, E. S. MARTINS, C. E. M. A.
Categorização dos ex-votos no museu vivo do padre Cícero em Juazeiro do Norte-CE	BRITO, C. F. PINTO, V. B.
Coleção Paranaguá: documentação museológica como acesso ao conhecimento	MATTOS ROCHA, L. M. G. M. MOURA, P.
Curadoria e ação interdisciplinar em museus: a dimensão comunicacional e informacional de exposições	MORAES, J. N. L.
Da necessidade do diálogo interdisciplinar na criação de um sistema de informação para a coleção etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi	BENCHIMOL, A.; ET AL.
Das mediações ao objeto: o processo mediacional das exposições nos museus	ROCHA, L. M. G. M.
Desenvolvimento conceitual da expografia: estudo de caso com adoção da pesquisa-ação participativa	SHIBATA, L. CURY, M. X.

Documentação em museus e histórico de propriedade (Provenance): restituição de obras de arte espoliadas pelos nazistas	LIMA, D. F. C.
Exposições museológicas: a complexidade no processo de percepção do real	UZEDA, H. C.
Exposições: entre mudanças e permanências	MARTINS, A. C.
Faces e interfaces da museologia: um olhar interdisciplinar sobre exposições museológicas	MORAES, J. N. L.
Fotografias em museus e fotografias de museus: o caso do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) e as novas abordagens fotográficas	GUERRA, C. B.
Museologia e paleontologia: diferentes abordagens na documentação da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional	LIMA, J. D. C. GRANATO, M.
Museu e informação artística: a dimensão informacional e o horizonte da divulgação em museus de arte	MORAES, J. N. L.
Museu, informação e políticas públicas	MORAES, N. A.
Museus: sistemas de informação para uma realidade virtual	BARBOSA, C. R. PINHEIRO, L. V. R. PORTO, R. M. A. B.
Navio-Museu Bauru e informação: trajetória histórica e musealização sob o foco da documentação museológica.	LIMA, D. F. C. NOVAES, R. S.
O documento e seu valor patrimonial. Os processos de tombamento do Museu Histórico e Pedagógico "Prudente de Moraes"	MURGUIA, E. I. GRIGOLETO, M. C.
O exercício de expor nos museus, uma constante prática da experimentação	FLOREZ, L. M. S. SCHEINER, T. C. M.
O que se pode designar como museu virtual segundo os museus que assim se apresentam	LIMA, D. F. C.
Objeto etnográfico como documento e informação	BENCHIMOL, A.
Organização da informação em acervo de museu: a fotografia histórica	CAFÉ, L. M. A.
Positivismo e artes plásticas: o museu nacional e a I exposição antropológica brasileira (1882)	BORGES, L. C. BOTELHO, M. B.
Reflexões sobre museologia: documentação em museus ou museológica?	CARVALHO, L. M. MOLETTA SCHEINER, T. C. M.
Relações entre museus e visitantes: transformação ou permanência -a partir do uso das novas tecnologias da informação e comunicação?	SANCHES, M. M. F. SCHEINER, T. C. M.
Uma proposta de categorização dos ex-votos do casarão - o Museu vivo do Padre Cícero em Juazeiro do Norte	BRITO, C. F.; PINTO, V. B.

Fonte: dados obtidos na pesquisa (2018).

5 DISCUSSÃO ACERCA DOS RESULTADOS

Dentro das características desta pesquisa, verificou-se que existe a possibilidade de desenvolver pesquisas relacionando RI e a Museologia. No entanto, o que foi observado, é que muitos trabalhos apresentados no GT-9, não relacionam o conceito de RI nas pesquisas extraídas. Isto pode ser avaliado sob dois aspectos: 1) desconhecer a RI como parte integrante de processos em museus; e 2) por não ser o enfoque principal dos trabalhos a discussão sobre RI em museus.

No cenário de análise, observou-se que os trabalhos que tem como tema a exposição, discutem este processo como a forma mais comum de comunicação, além de mostrar como todo o processo de construção das exposições acontecem. Vinculados a estes trabalhos, a maior parte das palavras-chave são as que estão no grupo B (exposições e RI), mostradas anteriormente.

Dessa forma, os trabalhos foram classificados como relacionados a RI, pois mostravam como a informação está presente nas exposições e como seu constructo se dá, principalmente no que diz respeito a construção de conhecimento pelo público.

Nestes aspectos, foram descartados os trabalhos que não tinham a temática relativa ao processo de construção da exposição, como no caso de trabalhos de análise de público, análise de arte e obras, arquitetura, entre outros.

Com relação aos trabalhos cujo tema se refere à documentação museológica, são tratados de duas formas. A primeira mostra como o processo de documentação nos museus auxilia em outras áreas e trabalhos das instituições. A documentação museológica, neste caso, apresenta-se como um pilar constituinte do museu, principalmente nos aspectos da preservação, recuperação e disseminação da informação. A segunda, aborda questões mais técnicas da documentação e de que forma os sistemas informatizados auxiliam em todo o processo.

É preciso analisar o contexto e a forma da documentação museológica nos museus que foram pesquisados em trabalhos no GT-9. Muitos deles possuem corpo técnico e longo tempo de existência, o que facilita que esse processo seja realizado. Conforme o IBRAM (2011) apresenta, apenas 21,3% dos museus possuíam registro dos bens culturais. Esta premissa atenua-se ao fato que 75% dos museus não sabem o número exato de objetos de suas instituições, o que mudaria esta situação se a documentação museológica tivesse instituída nos museus.

Desta forma, a documentação museológica como RI deve se preocupar em preservar e salvaguardar as informações dos objetos museais, a fim de ser o eixo norteador e basilar para outros serviços das instituições museológicas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, optou-se em analisar o GT-9 do ENANCIB e verificar por meio dos títulos, resumos e palavras-chave quais tinham relação com a RI. O resultado mostrou que 35

comunicações orais possuem a documentação museológica ou a exposição como temas, considerado aqui como formas de RI.

Embora possa ser um número expressivo de trabalhos, é primordial a elaboração de pesquisas futuras para entender como a RI está presente em museus, e de que forma a CI auxilia a Museologia, na OI. Isto pode ser feito analisando outros GT's, principalmente o GT-2 do ENANCIB, que trata especificamente de RI.

Outro aspecto a destacar é a forma como a RI está presente na área da museologia. Para este momento, consideramos apenas dois processos museológicos como formas de RI. No entanto, pode haver outras formas que serão exploradas futuramente, como fichas de restauração, conservação, ações culturais e educativas, entre outros.

O que cabe a ressaltar também é o entendimento e a presença da RI nos estudos da Museologia. Buscar uma relação mais estreita com a CI poderá contribuir com pesquisas que tenham como temática as características informacionais dos objetos e dos processos museológicos, mostrando o museu como uma instituição que trabalha com a recuperação, organização, disseminação, acesso e democratização da informação.

Mostrar este cenário numa pesquisa inicial é importante, pois estabelece um compromisso com uma área que pode ser mais desenvolvida tanto com contribuições da CI como da Museologia, mostrando o caráter interdisciplinar de ambas, ressaltando novamente a importância de trabalhos que tenham como tema a RI na Museologia e nos museus.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. Á. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação:** o diálogo possível. Brasília: Briquet de Lemos, 2014.

_____ O que é Ciência da Informação? **Informação & Informação**, Londrina, v.19, n.1, p.01-30, 1 dez. 2014b. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15958/14205>. Acesso em: 17 out. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011. 280 p.

BRASCHER, M.; CAFE, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** Brasília: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2008. Disponível em: http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/view/155/147 Acesso em: 10 jun. 2018.

BRIET, Suzanne. **What is Documentation?** Tradução Ronald E. Day e Laurent Martinet. Tradução de: Qu'est-ce que la documentation? 1951. Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~roday/what is documentation.pdf>. Acesso em: 26 out. 2016

BUCKLAND, Michael. "Information as thing". **Journal of the American Society of Information Science**, v.48, n.9, p.351-360, 1991. Disponível em http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/thing.html>> Acesso em: 27 jun. 2016

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais.**.. Belo Horizonte: ANCIB, 2003. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm> Acesso em: 12 dez. 2017

CERAVOLO, S. M. Museus e geração de informação: embates práticos. In: Seminário Serviços de Informação em Museus**.** II Seminário Serviços de Informação em Museus: o trabalho da informação em instituições culturais: em busca de conceitos. **Anais...** São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2012. Cap. 4. p. 81-108.

CUNHA, M. B. **Exposições museológicas como estratégias de comunicação**. Seminário: Exposições Museológicas como estratégias de comunicação, Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 2005, 23p.

FOGL, J. Relations of the concepts 'information' and 'knowledge'. **International fórum on information and documentation**, The Hague, v.4, n.1, p. 21-24, 1979.

HERMES LEMOS, L. **A representação da informação em ecomuseus.** 2018. 99p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/186802/PCIN0173-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 jun. 2018.

IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus. **Museus em Números.** Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. 240 p. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus_em_numeros_volume1.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2018.

FERREZ, H. D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. **Cadernos de ensaios**, n. 2., p. 64- 67, 1994.

LE COADIC, Y. **A Ciência da Informação.** Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

MENEZES, E. M. **Pesquisa Bibliográfica**. 22. ed. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2009.

MENSCH, P. Museology and the object as data carrier. In: **Object, museum, Museology, an eternal triangle**. Leiden: ReinwardtAcademy. ReinwardtCahiers, 1992. Disponível em: < http://www.muuseum.ee/uploads/files/mensch12.htm> Acesso em: 24 out. 2017.

OTLET, P. **Traité de Documentation**: Le livre surle livre. Bruxelles: Mundaneum, 1934.

SIQUEIRA, J. C. Biblioteconomia, documentação e ciência da informação: história, sociedade, tecnologia e pósmodernidade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.15, n.3, p.52-66, set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v15n3/04.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2017.